

Fraternidade São José
17 de outubro de 2020
Assembleia com padre Julián Carrón

Beethoven: Sinfonia nº 9 “Coral”, Spirto Gentil, CD 27

As notas da Nona Sinfonia de Beethoven são uma pequena e frágil semente, símbolo do ímpeto grandioso que entrou no mundo através de uma semente que foi colocada no ventre de Nossa Senhora. Foi ali que a alegria tornou-se “fato”; foi ali que a urgência do homem, sua busca por um destino de felicidade recebeu uma resposta; foi ali que a intuição humana de uma paternidade misteriosa foi sustentada pela certeza de que tudo o que o coração sugere tem um caminho definitivamente traçado. E como a semente das notas de Beethoven é imponente aos ouvidos de quem escuta, do mesmo modo a semente colocada no ventre de Maria é irresistível.

*Músicas: Favola
 Negra Sombra*

Padre Michele Berchi – Cheios de maravilha pelo que aconteceu na nossa vida – e continua acontecendo – começamos este momento pedindo a Nossa Senhora que nosso coração continue mendicante como o d’Ela, mendicante do Acontecimento que tomou nossa vida e nos trouxe até aqui, e nos conduza dia após dia. Que Ele encontre nosso coração com a mendicância simples de quem reconhece que tudo consiste nesse Acontecimento.

Padre Julián Carrón – Boa noite a todos. Vamos começar nossa Assembleia com a mítica Cinzia. Cinzia, o que faz com que a vocação te faça tão bem? Você está cada vez mais jovem.

Cinzia – Oi Julián. Na verdade, já estou com 50 anos.

Padre Carrón – Bem, mas 50 anos não são nada, quase todos aqui têm.

Cinzia – Vou contar o que estou descobrindo, principalmente sobre o trabalho. Fiquei provocada por um ponto da Introdução que está na página 3. Você nos disse: “O que *aprendemos com a realidade? O que aprendemos sobre nossa humanidade?*”. Percebi que, na melhor das hipóteses, teria dito outra coisa, poderia resumir minhas tentativas com outra pergunta: “O que aprendi sobre a realidade?”. Notei que já neste nível pode haver a interferência de uma negligência do meu eu e o abandono ao nada, o fato de, mesmo sem querer, não estar seguindo a proposta de Dom Giussani. Mesmo querendo levar suas palavras a sério, eu as interpreto e as esvazio, dando por óbvio que cada aspecto da realidade me é dado para que eu possa descobrir os fatores constitutivos da minha humanidade. O retorno à escola, depois do período de aulas à distância, está mostrando claramente meu erro de perspectiva. Há um grande caos porque, entre outras coisas, na minha escola temos de dar aulas para metade dos alunos presencialmente e, ao mesmo tempo, para a outra metade virtualmente, conectada de casa. Com muita frequência, eles não conseguem se conectar, então a sensação que tenho é de uma total inconclusividade do meu trabalho. Não posso contar com nenhum dado certo, nem fazer a chamada é óbvio, é preciso criar um novo modo de fazê-la.

Todos os dias há alguma nova proibição, alguma regra nova e eu percebo que aumenta a minha incapacidade de lidar com essa situação. Muitas vezes me pergunto o que estou fazendo, qual é o sentido de tudo isso, quanto vou conseguir aguentar. Sei bem que são apenas tentativas desajeitadas de esconder minha queixa. Dizendo estas coisas, estou tentando evitar o ponto acalorado do assunto. Relendo o texto dos Exercícios, me impressionou quando, descrevendo a sua experiência, você diz: “*Quantas vezes aprendi na carne que a realidade era um bem para mim! [...] A realidade era amiga, qualquer realidade me era amiga. Todos os que intervinham no palco da realidade eram amigos porque, para além do fato de estarem certos ou errados, de*

serem bonitos ou feios, constantemente traziam à tona o meu eu, os fatores constitutivos do meu eu”.

Sinto uma enorme desproporção entre o que vivo e o que você disse. Mas tenho certeza de que suas palavras não descrevem uma meta exclusiva sua ou um otimismo seu ou uma visão “giussaniana” da vida. Sempre me pergunto: é possível que Deus permita que tudo desmorone, que eu não consiga realizar nada, para que eu não perca a mim mesma? É possível que estes dias, os quais sinto tão inúteis, sejam o dom inesperado que precisa ser acolhido? O que Deus pode fazer com a humanidade de uma professora que não sabe o que fazer no seu trabalho? Fazendo essas perguntas, estou percebendo que durante muito tempo pus no centro da minha concepção de trabalho apenas os aspectos operacionais e gerenciais da questão. A relação com Jesus no máximo poderia determinar extrinsecamente uma “certa maneira” de ensinar, de me relacionar com os alunos, de entrar na sala de aula, mas não levava em conta a descoberta dos fatores constitutivos do meu eu: era como se fosse a premissa óbvia e necessária do meu fazer de “certa maneira”. Então, minha pergunta é: qual é o “modo verdadeiro” de viver o trabalho, qual é a consistência última daquilo que eu faço, mas não nesse período de emergência, sempre? Como entendo se meu esforço é vivido na relação com Jesus, independentemente dos aspectos contingentes? Desde que este ponto veio à tona, entro na escola pedindo para não me escandalizar com a minha humanidade ferida e minhas tentativas de fugir do impacto com a realidade, peço para perceber cada vez mais que o que está em jogo é o conhecimento verdadeiro de mim que, de outro modo, seria impossível, peço para fazer um caminho de conversão. Aparentemente, tudo parece igual, mas entendo que não pode ser assim. Então, gostaria que você me ajudasse a não perder esse princípio de novidade que intuo apenas vagamente. Muito obrigada.

Padre Carrón – Obrigado a você, porque o que você colocou diante de todos nós é realmente o grande risco que todos corremos. Ou seja, dar por óbvia a realidade. Você expressou isso com muita perspicácia quando disse: nunca me pergunto o que é a realidade ou o que é a minha humanidade. Diante da pergunta “o que aprendemos com a realidade” ou “o que aprendemos sobre a nossa humanidade” você simplesmente já tinha dado por óbvias a realidade e a humanidade, falar sobre a realidade na avalanche de opiniões. Dar-se conta disso, como você fez, de modo perspicaz, o fez, é o que mais pode nos ajudar a entender por que o Mistério nos provoca, às vezes de uma maneira que nos deixa perplexos. Porque se não nos provocasse, como estamos vendo novamente com a provocação da segunda onda da Covid, mas também constantemente com a realidade, com os desafios que a realidade coloca diante de nós, nos contentaríamos – como você disse – com o trabalho de gerenciamento, dificultado neste caso por causa das condições que estamos vivendo. Porque as proibições e as regras tornam o trabalho ainda mais exigente, mais pesado. Mas é justamente aí, é como se nos levando até aí, vendo toda a nossa incapacidade – como você disse – é aí onde as perguntas surgem. As perguntas começam a surgir: o que estou fazendo aqui? Ainda dentro de uma queixa em que a pessoa tenta fugir, mas no fundo já surpreendendo uma pergunta que não pode permanecer no nível administrativo: o que estou fazendo aqui? Uma pergunta radical sobre o trabalho. E isso é decisivo para nós, porque a vocação tem a ver com o trabalho, tem a ver com as circunstâncias que vivemos, tem a ver com a forma da nossa vocação de modo radical, digamos. Então, tudo o que diz respeito ao trabalho é a modalidade que assume a forma da vocação. Que a vida é uma vocação, como dissemos desde o início do *lockdown*, nos lembra Dom Giussani, significa que caminhamos em direção ao destino através das circunstâncias que são inconstantes, que são mutáveis, que às vezes são pesadas, que muitas vezes são incompreensíveis, mas é exatamente isto o que nem a mim, graças a Deus, foi poupado, de maneiras diferentes e em circunstâncias diferentes, mas ao mesmo tempo nada do que é humano nos é estranho. Então eu tive que fazer o mesmo percurso que você é obrigada a fazer, por isso pude compartilhar com vocês o que eu descobri: que a realidade pode se tornar um bem justamente por isso que você está dizendo. A realidade não nos poupa a provocação da qual, depois, surgem as perguntas que nos permitem não nos reduzirmos a gestores das coisas que temos de fazer, aos aspectos administrativos, como você disse. Você se pergunta: mas o Mistério quer isso? Às vezes, o único recurso que o Mistério tem e lhe resta é nos provocar desse modo. Por isso sempre me surpreende como Dom Giussani olha para o real como algo que nos provoca e que desperta o nosso eu, desperta o

nosso humano, fazendo nascer as perguntas do Senso Religioso, do capítulo V de O Senso Religioso, aquelas perguntas radicais que constituem o tecido da nossa humanidade. Quando descobri isso, comecei a perceber como isso, tendo razão ou não em relação ao que pensava das reclamações pela culpa que imputava aos outros, independentemente de tudo isso, comecei a perceber que em algum momento você se cansa, porque é inútil. A questão é: o que tudo isso desperta em mim? De que modo isso me desperta, me coloca em ação, quase apesar de mim mesmo? Porque diante dessas questões, ou a pessoa se deixa levar esperando que as coisas mudem, sufocando dentro da circunstância – porque não é que você fica na circunstância como se não fosse nada –, cada vez mais desconfortável, reclamando cada vez mais, cada vez mais culpando os outros, como vemos tantas vezes nos ambientes de trabalho. É difícil encontrar pessoas radiantes, que não se queixam. Recentemente uma pessoa me contou que, no trabalho, um colega lhe perguntou, por vê-la sempre feliz: o que aconteceu com você? Ganhou na loteria? Não sabendo dar outra explicação para a alegria dela enquanto todos reclamavam, davam uma explicação um pouco... não sei como dizer, mas que mostra como não poderiam, vendo o tipo de pessoa que é, o tipo de iniciativa que toma, o tipo de humanidade que tem, não podem tomá-la por louca ou ingênua, ou por uma pessoa fora de controle. São obrigados a apelar para alguma coisa que de algum modo diga algo daquele Mistério que não podem explicar de maneira razoável, mas que impressiona. E, então, é aí que podemos começar a entender se estamos realmente vivendo o trabalho segundo a densidade de significado que nos permite experimentá-lo com sentido, com significado, com gosto, como disse uma garota: “Vocês (os professores) – como eu disse no Dia de Início de Ano – não podem nos comunicar o gosto pelo dia a dia?”. Porque não é suficiente que alguém nos fale do gosto, é preciso vê-lo em ação. Ou vemos a queixa ou vemos o gosto pelo dia a dia. E então vemos pessoas vivendo circunstâncias idênticas, e uma pode vivê-la de um modo e outra, de outro. Esta é a grande aventura do trabalho: se vemos o modo verdadeiro de viver o trabalho quando prevalece a queixa ou quando prevalece o significado, a satisfação, o gosto pelo dia a dia. Isso não está em contradição com o empenho que devemos ter no trabalho, que deve ser total, é o gosto com que o fazemos, o significado, a densidade que tem esse momento. É aí onde realmente percebemos se para nós o trabalho é uma ocasião para vivermos, como temos dito todos esses meses, intensamente o real. Ou seja, a religiosidade coincide com viver intensamente o real, não com a irritação com o real, mas viver intensamente o real, que me faz perceber o significado daquilo. Por isso é tão decisivo, pois essa novidade que você descreveu, da qual já percebeu o vislumbre, é revelada apenas para aqueles que se empenham. Quem fica olhando da janela não imagina que isso possa se revelar, porque mesmo entre nós as pessoas são astutas, isso de se empenhar em viver intensamente o real é balela, porque no final... É aí que vemos se vivemos o real com significado ou não: se sufocamos, permanecendo apenas na aparência da gestão, ou se tudo isso é o que nos desperta e nos coloca em relação com o Mistério. Porque é assim que vemos até que ponto nossa vocação é uma ajuda. Se isso nos coloca em relação com o Mistério, nos traz o Mistério. Hoje de manhã, fazendo silêncio, lia o texto da EdC, o trecho sobre o conhecimento novo de “Deixar marcas”, onde Dom Giussani nos lembra: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim”. O que significa que quando tenho uma pessoa à minha frente, é ela que assinala o caminho seguindo o qual chego até Cristo. Toda circunstância, toda ocasião, toda pessoa, é o Tu através do qual eu “adentro a raiz do semblante das coisas, e chego até o ponto em que a coisa é um Outro que a faz, é o Tu que a faz, Cristo” (p. 86).

Então, a questão é se aceitamos viver o trabalho apenas como algo a ser administrado ou se o vivemos em toda a sua densidade religiosa, que não é algo à parte, porque depois vou à missa ou faço o silêncio. Vemos se tudo isso não é para nos ajudar a viver o real, o trabalho, como uma possibilidade de ir até a raiz do semblante das coisas, quando ficamos sempre reclamando, quando o trabalho nos cansa, quando o trabalho, em vez de nos construir, em vez de nos despertar, em vez de ser a ocasião de sermos testemunho de Cristo ali, torna-se, como para os outros, o lugar da reclamação. Por isso, o trabalho é uma ocasião decisiva para a verificação da fé. Porque posso chegar a isso se eu, como você disse, me identifico com a proposta que nos é feita. Seguindo uma proposta, coisa que ninguém pode fazer por mim porque sou eu que tenho que fazer a verificação. Esta é a circunstância que está diante de todos nós.

Roberta – Meu querido amigo Julián, tudo é um bem, você me diz. Muitas coisas aconteceram comigo no último ano: uma doença neurológica, a internação do meu pai por causa do Alzheimer e a dificuldade de confiá-lo aos outros (sou enfermeira) e, por isso, de aceitar que eu não posso cuidar dele, o vírus e a dificuldade de trabalhar no meu Centro de Saúde, a doença de Galia, minha 'irmã' do Cazaquistão (um encontro que se deu anos atrás e continuou ao longo do tempo) e não poder estar perto dela. Os Encontros, os Exercícios, as reuniões, em vídeo... sem “carne”. Um ano sem fazer uma parada real do trabalho e de tudo.

No final de julho, o Senhor pensou que eu precisava descansar: caí de bicicleta e quebrei a clavícula.

No início dessa nova aventura sentia muita dor e a única coisa que eu queria era arrancá-la. Descobri uma linda, fantástica pílula branca. Tomando a pílula, a dor diminuiu e voltei a mover meu braço que estava sustentado por uma tipoia. Então, depois de 2 dias comecei a diminuir os sedativos até tirá-los completamente, porque percebi que sem a dor eu movia o que não deveria, porque justamente a dor me ajudava a lembrar que o movimento não é apropriado para a minha clavícula.

A mesma coisa acontece com a vida. A dor, a prova, a circunstância, o limite são dados porque são parte do meu caminho de conhecimento. Sem eles eu viveria de um modo que não ajudaria a curar minha clavícula, ou seja, não me faria sarar do meu esquecimento, me afastaria do juízo que começa na origem do meu coração, e eu cederia à reação e àquilo que me acontece.

Na minha vida, o Senhor sempre colocou pequenas pedras que marcaram um percurso, para mim, só para mim. Cristo não está perto dos meus problemas, está nos meus problemas, incluindo a clavícula, mas também está na beleza da relação com Galia, distante 5.000 km, e possível só na graça da Igreja e com o pesar de Sua morte, porque eu já vi Cristo vencer com dois amigos da Fraternidade de Cremona, que acompanhamos em seu caminho para o Pai, mas eu esqueço... me desvio. Sempre é preciso acontecer algo que modifique meu coração e me tire do nada que me envolve. Neste período de descanso forçado abandonei-me à leitura e aos amigos. Assisti e gostei de muitos encontros do Meeting. Um em particular abraçou os Exercícios, o “Brilho dos olhos” e o Meeting inteiro. Meu encontro pessoal com Mikel Azurmendi me fez me apaixonar e me maravilhar de novo por minha história e pela nossa companhia. Imediatamente li o livro, e fiquei com inveja do escritor e dos amigos espanhóis. Eu disse: agora temos que ir à Espanha. Experimentei o que vi anos atrás no Cazaquistão: um lugar onde há algo, Alguém que move o coração. Olhei de novo para todas as pedrinhas que o Senhor colocou no meu caminho para que eu chegasse até aí. Como você sempre diz, é importante voltar à origem: voltei a olhar para o que me fascinou no início. Foi isso o que aconteceu com o encontro com Mikel. Quero agradecer por tudo que tenho, pelos amigos que Ele me deu, mesmo sem ter ido para a Espanha, porque já tenho tudo aqui, também pela minha clavícula sem a qual talvez eu não teria olhado para isso.

Padre Carrón – Vejam que aos poucos, mesmo as coisas que parecem sem sentido, se a pessoa está atenta, tudo fala a ela. Fico impressionado por Roberta ter percebido o valor da dor, em primeiro lugar por causa de sua clavícula. E isso não é algo secundário, porque sem a dor não teria descoberto que as ações, que os movimentos que fazia eram equivocados. Porque a dor é como um sintoma. Ainda bem que quando aproximamos a mão do fogo sentimos dor, sentimos o ardor e, assim, a retiramos imediatamente, caso contrário ficaríamos sem ela. E assim, em tantas ocasiões. Então, mesmo sem a provocação, qualquer que seja a forma como o Mistério vem ao nosso encontro é para esse caminho de conhecimento. Fico impressionado como está se tornando cada vez mais familiar o conhecimento novo de tantas coisas que no início achamos sem sentido e cujo significado, pouco a pouco, começamos a descobrir. Começamos a ver a utilidade para o caminho de coisas que, às vezes, consideramos inúteis. Porque sem a consciência da necessidade, o esquecimento prevalece. Porém, ver que em todas as pedrinhas – como você disse – já havia Cristo que te chamava através dessas circunstâncias, significa que você começa a ver que Cristo está nas pedrinhas, que através dessas circunstâncias é Ele quem está chamando você. Então cada aspecto do real nos leva a falar com Ele. A questão é se vivemos o aspecto do real como um acaso ou vivemos a relação com o real como um empecilho, como um obstáculo, ou se tudo para nós é ocasião para entrar em relacionamento com o único interlocutor do real, que é Cristo. Porque, assim, começamos a viver tudo nesse diálogo com Ele.

Para Ele tudo o que acontecia, para Jesus – como dissemos em “O brilho dos olhos” – tudo que via O colocava em relação com o Pai. Não olhava para nada sem que o remetesse ao Pai. A vida era plena dessa Presença. Mas quantas vezes, para nós, isso ainda é embrionário. Para Ele era a maneira normal de se relacionar com o real e, portanto, tudo estava dentro dessa relação. Por isso – como eu falei antes –, Giussani diz que o cristianismo introduz um conhecimento novo. Eu estava falando disso, que só se o acontecimento de Cristo se dá novamente somos capazes de olhar para tudo assim. Mas o que nos coloca em relação com isso sem reduzi-lo? Muitas vezes é a necessidade que nos impede de reduzi-lo, por isso é verdade que quando começamos a experimentar certas coisas... Olhem o que ela disse no final: eu já tenho tudo aqui. Muitas vezes pensamos em fazer não sei que tipo de... do que precisamos? Tudo já está aqui. Não nos falta nenhum dom da Graça, diz São Paulo. A religiosidade, agora entendemos, não é fazer gestos religiosos mirabolantes, mas viver intensamente o real, viver o real desse modo. Porque está tudo ali. Porque tudo é ocasião para entrar em relação com Ele. E os primeiros beneficiários disso somos nós, porque sem Ele é como receber um presente anônimo. É evidente que se eu recebo algo e fico ali sem que o presente me remeta a quem o enviou, o presente, embora bonito, não tem o mesmo significado para mim. Sempre dou o exemplo do cartão de Natal. As grandes lojas e empresas enviam cartões muito bonitos. Mas na maioria das vezes, mesmo sendo muito bonitos, o papel, as cores, tudo... é vazio, não há nada por trás. Às vezes, a pessoa querida, amiga, nos envia um pequeno bilhete aparentemente de menor valor gráfico, mas para nós é cheio de significado. Então, que efeito uma coisa e a outra provocam em nós? O que nos preenche mais? Estamos diante do mesmo objeto... um é aparentemente de maior valor gráfico... mas como significado para nós, qual nos agrada mais, qual nos presenteia mais, qual? Um é vazio e o outro está pleno de uma relação, de uma intensidade afetiva que no outro falta. Dou esses exemplos triviais para ajudar a entender o que acontece: em vez de parar na aparência do que é mais bonito, o fato de eu prosseguir até chegar na origem do gesto é uma coisa do outro mundo, tamanha a sua diversidade. Então, quando Cristo veio para nos levar a isso, para nos levar a uma relação com a realidade como essa, não simplesmente porque somos melhores ou porque fazemos menos bobagens... mas para que comecemos a viver cem vezes mais, para que os relacionamentos sejam cem vezes mais, como Dom Giussani diz no texto que li antes: *“Há uma relação com o Mistério que faz todas as coisas, há uma relação com o Mistério que se fez carne, homem, Jesus, que é imensamente mais humana, mais minha, mais imediata, mais tenaz, mais terna, mais inevitável que a relação com qualquer um – com a mãe, com o pai, com a noiva, com a esposa, com os filhos –, com todos e com tudo. De fato, tudo nasce daí, nada se faz por si mesmo. Por conseguinte, a pessoa que tenho à minha frente, quem quer que seja ela, é e assinala o caminho seguindo o qual chego até Cristo. E por isso tenho por ela estima, respeito, a adoração, posso adorar o seu rosto. Mas o que isso significa? Eu adoro esse rosto quando é caminho para a fonte de todas as coisas, a fonte do Ser. Do contrário, é como desenhar uma figura sem perspectiva: é uma percepção infantil e primitiva”* que fica na aparência.

Se as crianças ficam ali, muito contentes com o presente, são os pais que devem dizer: como se diz? Eles não percebem que é um dom, que há alguém que o dá a eles. Os pais precisam ajudar as crianças a serem introduzidas no verdadeiro conhecimento daquele presente, que é um dom de um outro a quem devem agradecer. Imaginem que a vida pode ser vivida assim em cada detalhe: como um dom que um Outro me dá, e que é imensamente mais terno, mais imediato, mais tenaz, mais inevitável do que a relação com qualquer um. Esses adjetivos que Dom Giussani usa, mostram o que perdemos quando não vivemos a realidade assim. Pelo menos, ouvindo-o dizer isso, surge em nós o desejo de pedi-lo. Como disse a Cinzia, pedir para se identificar com o olhar que Dom Giussani nos testemunhou para que possamos, segundo um desígnio que não é nosso, viver a relação com a realidade assim, como Jesus a viveu, como documentam os Evangelhos.

Eleonora – Já há alguns meses tenho experimentado uma dor profunda: relacionamentos interrompidos de maneira violenta, mentiras e maldades têm nutrido essa companhia dentro de mim a ponto de, cada vez mais, de manhã, antes de ir trabalhar, me fazer pedir e implorar: “Por favor, que o meu mal-estar não afete mais ninguém, não atinja quem eu encontrar”.

Nos Exercícios você fala do fato de que “nenhuma redução é capaz de tomar o meu íntimo” e que a mulher pecadora “foi afirmada e conquistada por Cristo”.

A escola retomou as atividades, e eu voltei com meu fardo de feridas e meu coração em farrapos. Se eu fosse me descrever agora, diria que estou na fase menos produtiva da minha vida; estou sofrendo tanto que não consigo me imaginar capaz de fazer nada. Estou apagada, pelo menos é o que vejo de mim.

Alguns dias atrás, fui ao funeral do pai de um aluno. Outras famílias e alunos da escola também estavam presentes na ocasião. No final da celebração, a mãe de uma aluna – que eu tinha acabado de conhecer – se aproximou de mim e disse: “Professora, minha filha pediu que eu a cumprimentasse porque disse que, quando a senhora está presente, a serenidade chega”. Este é um exemplo, mas poderia dar muitos outros. A pergunta que surgiu em mim com muita força é: “O que me toma e me domina inteira, apesar de eu ser um vale de lágrimas?”. Parece-me evidente que no fundo da lista negativa que eu poderia fazer sobre mim neste momento, se instala um “no entanto” que modifica tudo e me obriga a dar-me conta novamente de Quem me conquistou e me afirmou.

Padre Carrón – Perfeito. À tarde fiz uma Assembleia sobre a primeira Meditação da Verificação com os meninos. Dom Giussani começa dizendo isso que você percebeu.

“Quando se trata da relação entre o homem e Deus, da relação entre o homem e Cristo, quando se trata da vida de Cristo no mundo, o homem não tem capacidade de fazer nada”.

Você não precisa ter medo disso. Como você pode ver, este é o ponto de partida, como a descoberta da água quente. É só o poder do Espírito que cria. Então, o que o homem pode fazer, a riqueza do homem, a força do homem, reside em invocar o Espírito. O Espírito é a energia com a qual Cristo vence o mundo, com a qual penetra na história e chama quem Ele quer e com a qual sustenta aqueles a quem chamou. Como você pode ver, apesar de estar apagada, Ele não se importa se você está apagada e faz uma menina lhe dizer que quando você chega, traz serenidade. Dom Giussani continua: *“Invocando também Nossa Senhora porque se o Espírito é a energia com que Cristo entra no mundo e o vence, este Espírito entrou na história através de uma menina de 15 anos. O Espírito entra no mundo através de Nossa Senhora. É por isso que dizemos: Veni Sancte Spiritus. Veni per Mariam”.*

Esta é a originalidade de Deus: entrar no mundo através de pessoas pobres, de pobres coisas como nós. Você entende, Eleonora? Por isso não há nada de novo, simplesmente uma consciência maior de que – como você disse – só quando Cristo nos agarra, como agarrou a pecadora, agarra você mesmo quando está apagada, e faz emergir com mais clareza – como diz São Paulo – que carregamos um tesouro em vasos de barro, para que possamos ver que a Sua força não tem origem em nós, mas vem de Cristo. Muitas vezes – sempre conto isso –, como você, teria pago para não ir dar aula porque estava para baixo, apagado, como você, mas, justamente naqueles dias em que eu teria pago, o Mistério usava do meu nada e muitas vezes eu voltava da aula, saía da sala comovido por aquilo que o Mistério tinha feito através do meu nada. Era evidente para mim, como é evidente para você, que isso não é coisa nossa, sua, minha. Então, o que toma toda a sua vida? Toma-a como tomou Nossa Senhora, como tomou São Paulo, como tomou você, como tomou a mim. Então, o que nos cabe? Nós não somos nada e temos que pedir, estar constantemente disponíveis à modalidade com que o Mistério pode nos tomar. Podemos até ir para casa apagados, não importa, porque a questão fundamental é que o Mistério nos agarrou. Eu disse antes: agarrado por Cristo. E mesmo que você não perceba, você já está tão agarrada que não pode evitar levá-lo em cada fibra do seu ser. Tanto é verdade que os outros percebem isso. “Quando a senhora está presente, chega a serenidade”. Fiquei impressionado – como eu disse, quando fazia silêncio – com uma frase que eu marquei quando, falando de Pedro, Giussani diz: “Desde o primeiro encontro Jesus ocupou todo o espaço de sua alma (de Pedro), todo o seu coração”. Assim como aconteceu com você. E isso é o que documenta a fidelidade de Cristo na sua vida, que pode acontecer com seu companheiro, pode acontecer a ele, mas nada pode impedir a dificuldade que você experimentou, nada pode impedir que Ele continue usando você e o seu nada para fazê-Lo brilhar diante de todos. Às vezes você fica sabendo, como neste caso. O Mistério lhe dá algum conforto para dizer: não é igual a zero o que eu fiz com você. Mas quantos..... você nunca vai saber nesta vida, mas vai saber na vida eterna. Nesta ocasião aconteceu porque cruzou com você *en passant* e lhe disse. Mas quantas dessas coisas acontecem através da nossa pobreza! Mas não precisamos disso; às vezes recebemos esse presente por uma misericórdia de Deus para conosco. É como um a mais, mas já vivemos o

cêntuplo porque Ele nos tomou, não por causa do resultado. Como diz o Evangelho quando os apóstolos voltam entusiasmados pelo que tinham feito, Jesus diz: o que vocês farão com isso amanhã de manhã? ...não se alegrem com isso. Vocês viram a queda de demônios, mas alegrem-se porque seus nomes estão escritos no céu, porque vocês são meus, porque você é d'Ele. É isto o que torna você diferente, qualquer que seja a circunstância. E esta é uma libertação. Digamos que não é a nossa *performance* o que dá testemunho de Cristo. É Cristo quem toma a nossa pobreza e a usa para tornar-se, Ele mesmo, testemunho de Si através do nosso nada. O testemunho d'Ele em nós, quando O deixamos entrar, quando damos espaço a Ele, como diz Jesus: se vocês não creem em mim, creiam nas minhas obras, minhas obras falam de mim. As obras que o Pai me faz fazer são elas que dão testemunho do Pai. É o Pai que dá testemunho de Si em Jesus que deu a Ele todo espaço de Filho. E assim, quando diz: quando vocês crerem em mim, não creiam em mim, mas no Pai que me enviou. E então o Mistério pode usar o nosso nada, como pedimos no Magnificat: olhou para o nada de sua serva e todos me chamarão de bem-aventurada, porque o Senhor fez grandes coisas através de mim. E Jesus nos disse que faremos coisas maiores. Acima de tudo, devemos nos preocupar com essa disponibilidade, no nada que somos, de deixar espaço para Ele. Todo o resto... Já fomos pagos com 100 vezes mais independentemente do elogio que um aluno possa nos fazer. Se às vezes vier, tudo bem, mas já fomos muito bem pagos. Explico-me?

Claudete – Caro Padre Carrón, queremos contar a experiência vivida pela São José no Brasil neste período da pandemia, que mostra o que você disse nos Exercícios e responde às perguntas sobre a esperança: com Cristo nos olhos, investidos por Sua presença, podemos olhar para tudo. Nesse período, apostamos em uma nova forma de estarmos próximos, com encontros quinzenais, reunindo todos do Brasil, além de manter as reuniões das cidades, todas de modo virtual. Para nossa realidade, no entanto, não era uma coisa simples, nem era óbvio que funcionaria por causa das dificuldades de conexão em muitas cidades e de algumas pessoas mais velhas que não estavam familiarizadas com a tecnologia. A cada encontro uma surpresa: pessoas que começaram a se conectar novamente com seus netos, que as ajudavam a se conectar com seus celulares ou andando pela casa para procurar um ponto com um sinal melhor, mostrando o grande desejo desta companhia. Pessoas que raramente falavam nas reuniões começaram a colocar em comum sua experiência concreta, nem sempre bonita ou agradável, mas de modo vivaz e livre, testemunhando com tudo isso que o Senhor está verdadeiramente presente! Um espetáculo! Foi muito bom ver como nessa tentativa de cada um de superar o limite da tecnologia, que para alguns era um desafio, crescemos como companhia um para o outro, contribuimos para manter a fé e a esperança e ter o olhar fixo em Cristo quando alguns adoeceram ou tiveram na família alguém com o Coronavírus. Neste período, não vimos desespero. Um fato que representa bem isso foi o da nossa amiga Elza, de São Paulo. A notícia de que tinha contraído a Covid e precisava ser hospitalizada nos colocou a todos como apóstolos na Sexta-feira Santa depois da crucificação: parecia o fim. Elza tem Diabetes – e estava descompensada – e outros problemas associados ao vírus eram praticamente sua sentença de morte. A situação nos impediu de viver simplesmente “otimistas”, e começamos a rezar. Sua filha nos enviava mensagens de áudio diárias com boletins médicos que começaram a superar todas as expectativas. A cada dia, uma melhora. Foi como ver um milagre. A notícia da alta foi como ver Jesus ressuscitado. E ouvir ela contar, já em casa, que sua família agora era outra, não mais aquela com brigas diárias, era vê-Lo ressuscitado e tocá-Lo como Tomé. Como não dizer que o Coronavírus é nosso irmão, como disse o padre Pigi, que mora no Brasil, diante de histórias como essa? Um vírus que nos tornou próximos e familiares daqueles que víamos uma vez por ano no Retiro e que nos permitiu crescer juntos na consciência da fé e nos mostrou onde está nossa consistência! O que nossa amiga Rosi, de Belo Horizonte, também diz: “Com os encontros quinzenais me senti tão abraçada pelo Senhor! Apesar de todas as dificuldades com a tecnologia ficou claro que era um presente d'Ele para mim, ver o rosto que o Senhor escolheu para me fazer companhia neste caminho no qual me colocou. Neste período me sinto como nos primeiros encontros da São José, viva e feliz!”. São tempos difíceis, mas ter e pertencer a esta companhia faz a diferença na vida! Obrigada, Padre Carrón, por nos ajudar a fazer esse caminho de consciência. Fraternidade São José do Brasil.

Padre Carrón – Eu lhe agradeço, Claudete, por não se deixar confundir, porque às vezes, quando as coisas não acontecem de acordo com as imagens que temos, começamos a ficar nervosos. Muitas pessoas já tinham pensado: agora vamos voltar. Depois da primeira onda, pensamos que tinha acabado e estávamos prontos para recomeçar todos os nossos gestos, que todos gostávamos de fazer. Uma vez que aqui tudo mudou, assim como mudou no Brasil, novamente ficamos perplexos, tendemos a começar a reclamar dessa situação outra vez. No início dessa nova situação para nós, aqui, na Europa em geral, ou nos Estados Unidos, o fato que ela nos contou testemunha que mesmo com todas as dificuldades de lidar com a tecnologia, isso não foi uma objeção, mas todos se empenharam em superá-las justamente porque através de qualquer instrumento poderia chegar a ajuda para viver na fé e na esperança. Que essa ocasião, como aconteceu com a Elza, os fez crescerem juntos na fé, significa que muitas vezes nós, apesar de já tê-lo visto nos meses anteriores, podemos mais uma vez cair na tentação de uma imagem. Mas é maravilhoso que Claudete nos lembre que o Mistério pode fazer chegar Sua ajuda, Sua companhia e nos sustentar da maneira que Ele quer, não simplesmente da maneira que temos em mente. Vimos isso no testemunho de Azurmendi. Quem imaginaria que o dom de Cristo chegasse a ele através de um programa de rádio, entre os milhares de programas que existem? No entanto, o Mistério pode usar qualquer situação, não devemos ficar presos em um modo. Porque o Evangelho jogou pelos ares todos os esquemas. Cristo pode se tornar encontrável, como vemos no Evangelho, das mais diversas maneiras, como aconteceu também conosco. Pode encontrá-Lo alguém que está numa árvore, alguém que está perto do poço, em um banquete, no templo, outros podem encontrá-Lo pelo caminho, num monte ou em um barco na tempestade. O novo templo é a pessoa chamada por Cristo! Esta é a revolução do Templo que Jesus introduziu. Por isso, para nos fazermos companhia podemos utilizar as diferentes modalidades que temos em mãos e, por isso, agradeço por você ter-nos dado uma contribuição, a nós que estamos começando uma nova onda de surto da Covid.

Alessandra – Caríssimo Julián, bendigo o Pai por me deixar faminta de autoridade como nunca. E bendigo o Pai porque a autoridade existe, é você, e desejo ser cuidada com a lâmina do seu olhar que rasga a bolha da *zona de conforto* e me recoloca na inexorável, adorável concretude da realidade.

Sintetizarei ao máximo alguns fatos recentes na esperança de ser compreensível, porque há coisas que não podem ser ditas por descrição.

Tudo começou com “O brilho dos olhos” e o niilismo dos outros.

Quando começamos a trabalhar sobre o “Brilho” percebi em alguns amigos traços de perplexidade: “Eu não me vejo nisso, eu não sou assim, na minha idade fiz um caminho... É claro que nós da São José temos sorte porque vivemos uma posição diferente, a nossa experiência... blá, blá, blá”.

Diante desses amigos “com uma sensibilidade diferente”, num primeiro momento tentei rebater de bom grado: “Certamente, se Carrón insiste é porque há algo aí também para nós, vamos confiar, confrontar e... blá, blá, blá”.

Confesso que nesta tentativa de apoiá-lo (!!!) eu me sentia, no fundo, um pouco falsa: uma *defensora* de CL, não creio que você precise disso, certo?

Padre Carrón – Um Outro se encarrega de nos apoiar...

Alessandra – Mas o belo dia ainda estava por vir.

Contribuíram suas últimas Escolas de Comunidade (como são verdadeiros, vivos e corajosos todos aqueles niilistas que se declararam!) e as retomadas feitas durante a Escola de Comunidade do meu irmão, que repetia: “O desejo, o desejo, vocês ainda não entendem por que Julián nos faz parar tanto no desejo”.

Finalmente chega o dia. O Pai sempre envia um belo dia e o coração – que é infalível – entende que aquele é o belo dia, mesmo que caia sobre você como uma pedra e, então, entendi: eu também sou niilista!

Assintomática, da pior espécie.

Tenho o niilismo devoto.

Essa bendita, duríssima consciência desencadeou uma série de reações em série, em primeiro lugar a pergunta: “O que estou fazendo aqui? (na São José, obviamente). O que é a minha vocação?”.

Pôr-me essa pergunta me surpreendeu em primeiro lugar porque, na verdade, estou muito bem dentro da São José, como um rato no queijo.

Mas também entendi que com o passar dos anos a minha vida tornou-se um pertencer a uma *zona de conforto*, uma linda bolha quente e rosada, feita de amigos queridos, boas meditações, o bate-papo no WhatsApp, em suma, um estacionamento, equipado com todo conforto emocional e espiritual.

Mas diga-me Senhor: “Onde foram parar os dias do nosso amor? Onde está a minha vida? Onde está o meu desejo? Onde está a vida que perdi vivendo?”

O “ir vivendo devoto”... que porcaria.

O impulso instintivo era o de fugir, buscar refúgio (e aqui vamos nós de novo!) em uma mendicância como “livre rebatedor”... que nem sei bem se é possível, já que toda mendicância, além de um objeto, pressupõe um lugar, mesmo que desconfortável.

Com muita dificuldade, antes dos Exercícios, tentei enfrentar a questão com meus companheiros de vocação, ou seja, com o meu Grupo.

Era um pedido de socorro, um grito destinado a amigos queridos com quem compartilhei tudo nos últimos 10 anos.

Respostas: “Se você sair daqui, para onde irá?”, “Fale sobre isso com seu irmão”, “Faça uma novena para Nossa Senhora desatadora dos nós”.

Ainda bem que o encontro era via zoom porque senão eu iria às vias de fato.

Depois do Zoom, me senti como uma almôndega.

Uma almôndega, porém, inexplicavelmente feliz.

Feliz porque, como pássaros migratórios, as perguntas tinham voltado: talvez “erradas”, certamente mal formuladas e muito carregadas de pretensão, mas eram perguntas verdadeiras e você, na última Escola de Comunidade, citou Blixen – que eu amo muito – e essa citação era justamente para mim e a alegria de estar de volta ao *modo de pergunta* era mais forte do que a humilhação pela minha miséria de devota árida e horrorizada.

Então participei dos Exercícios como uma esponja, desejando absorver tudo. E tudo, tudo, tudo o que você disse foi para mim, como se tivesse me concedido uma longa conversa face a face, que se prolongou, depois, no trabalho sobre o “Brilho”, que foi uma surpresa cotidiana, como se cada palavra reativassem as sinapses do coração. Havia anos que não sentia a necessidade, a urgência de fazer Escola de Comunidade desse modo.

Agora... não sei dizer exatamente onde estou, não sei explicar o que aconteceu a partir dos Exercícios na concepção que tenho de mim na vida cotidiana.

Neste momento parece que estou vivendo dentro do capítulo 4 de “O Brilho”.

Acabei de fazer 60 anos e me encontro mendigando para ser readmitida no primeiro ano elementar de “conversão ao Acontecimento”. Não sei se rio ou se choro.

Como Deus é grande.

Padre Carrón – Eu lhe agradeço muito, Alessandra, porque com seu testemunho sobre o percurso que fez parece-me que todos nós que ouvimos você, percebemos, entendemos que a dificuldade que você relata também pode ser nossa, que estamos nessa companhia há muito tempo e em algum momento reduzimos o pertencer à bolha, à *zona de conforto*, onde falta a consciência da necessidade, falta a consciência do drama da vida, porque nos perguntamos – como você disse com essas perguntas tão dolorosas – “Onde foram parar os dias do nosso primeiro amor? Onde está a minha vida, onde está o meu desejo? Onde está a vida que perdi vivendo?”. São perguntas as quais agradeço por todos que estão aqui escutando, porque são o presente mais bonito que você nos dá no início deste ano, porque podemos começar dando tudo por óbvio, como dissemos antes, ou podemos deixar essas perguntas virem à tona – como você disse –: você está feliz porque as perguntas voltaram. Então, a volta das perguntas é o primeiro sinal da volta de Cristo, porque é Ele próprio quem nos sacode através da realidade, das circunstâncias, para fazer nascer perguntas em nós novamente e começar a perceber que tudo o que acontece, como você disse, acontece para você. Como eu gostaria de começar este ano do modo como você disse que foi aos Exercícios neste verão e estar o ano todo como uma esponja, desejosa por absorver tudo o

que o Mistério lhe dará, que é completamente imprevisível, mas que paradoxalmente, como você disse, pode se tornar uma surpresa cotidiana, como foram estes meses para você, como se cada palavra reativassem a sinapse do coração. “Havia anos que não sentia a necessidade, a urgência de fazer Escola de Comunidade desse modo”. Por isso, começamos este ano pedindo o que a Alessandra nos disse, porque essa é a disposição de que precisamos porque todo o resto é Graça, porque quando nos colocamos nessa postura, então há uma ruptura, porque é através da necessidade que a Graça pode entrar, como dizia Péguy. Não desejamos mais nada – cada um de nós que está aqui hoje – além da disponibilidade a nos deixarmos arrastar por Cristo, a nos deixarmos preencher com Sua Presença para que Ele possa usar o nosso nada – como eu disse antes no diálogo com Eleonora – para fazer brilhar Sua beleza para os homens num momento tão dramático, em que a maior urgência não é a da saúde, mas o testemunho de Cristo, que pode preencher nossa vida e a vida de quem encontrarmos pelo caminho. Por isso, nos despedimos com o desejo e com a tarefa de nos apoiarmos mutuamente na mendicância de Cristo, todos os do primeiro ano elementar, para que Cristo possa encontrar a terra pronta para acolher qualquer dom que Ele tenha pensado em nos dar, para nós, porque nós fomos escolhidos por Ele para se comunicar através de nós a todos os outros. Por isso, acolhendo-O, nós O estamos acolhendo para todos os outros, e por isso nos escolheu, não apenas para nós, mas para poder testemunhá-Lo através do nosso nada para todos os outros. Terminamos com esse desejo, pedindo a Nossa Senhora, como dissemos no início: “Veni Sancte Spiritus. Veni per Mariam”.